

# DESENHO CORPO OU CORPO DESENHO

Camila Rodrigues Moreira Cruz  
Escola de Belas Artes - Universidade Federal de Minas Gerais-Brasil  
NEDEC-Núcleo de Estudos e Ensino em Desenho Contemporâneo

## Resumo

Como um labirinto voraz, repleto de deslocamentos e errâncias, o desenho apresenta-se cada vez mais como fim em si mesmo, questionando o corpo presentificado enquanto obra mas também o corpo lacunar. O presente artigo investiga o desenho e suas interlocuções na contemporaneidade à partir de relações híbridas de execução e discurso. Walter Benjamim, habitado pelo *flâneur* que caminha pelo mundo, torna-se aqui o precursor da dialética a qual dispõe-se construir indagações sobre o desenho contemporâneo. Propõe-se assim pensar o desenho na atualidade, enfrentamentos, deslocamentos e inserções entre o processo de criação e a escrita do processo.

**Palavras-chave:** desenho, hibridismo, contemporâneo

## Abstract

Like a voracious labyrinth, full of displacements and errances, the drawing presents itself more and more as an end in itself, questioning the body presented as a work but also the gaping body. This article investigates the drawing and its interlocutions in contemporary times based on hybrid relations of execution and discourse. Walter Benjamim, inhabited by the *flâneur* who walks around the world, here becomes the precursor of dialectics which is ready to build inquiries about contemporary drawing. Thus, it is proposed to think about the current drawing, we face, displacements and insertions between the creation process and the writing of the process.

**Keywords :** drawing, hybridism, contemporary

“É do principio da obra de arte ser sempre reprodutível. O que os homens fizeram, outros poderão sempre refazer.” (Benjamin, 2007. p.9)

O lápis vai ferindo docemente o papel, inserindo entre suas fibras um traço, uma marca, um discurso imagético que deseja contornar dialeticamente o efeito *miroir* do mundo. O desenho assume uma postura narrativa, que tece a experiência reflexiva e latente do mundo face ao espaço *lacunar*, denominado vida. Como um *flâneur*, ou alguém que caminha errantemente pelas ruas e vias de *passagem*, o artista do desenho torna-se cada vez mais um narrador. O contexto aparentemente

simplório dado à execução de sua obra enquanto técnica e discurso é provocador de encontros. O desenho escreve o processo, verbaliza em imagem o desejo planejado do obscuro. A linha conduz a construção da imagem, ilumina o pensamento ferindo e dando vida as formas, traçando e apagando espaços vazios. O desenho condensa assim o discurso do intelecto, tornando palpável e visceral as reflexões que o cercam. O artista segue como o elo que transcorre esses dois universos íntimos, entre lutas, memórias e desaparecimentos de experiências vividas. A obra *Angelus Novus*, de Paul Klee revela em pleno século XX o início de uma nova era tecnológica. Um anjo que se distancia de alguma coisa que ele fixa com o olhar. Com o rosto voltado para o passado ele afronta o progresso. O desenho de Paul Klee revela a história contida, encarcerada em sua dúbia prerrogativa de liberdade, um tanto obscura, perpetuando antagonismos e desejos. “O que nós vemos é só aparência. A arte não reproduz o visível, ela torna visível.” (Paul Klee). Logo, o desenho na contemporaneidade apresenta-se como fim em si mesmo, provocando questionamentos as tecnologias e aos processos de criação, tornando visível realidades até então idealizadas.



Figura 1. Paul Klee, *Angelus Novus*. 1920. tinta nanquim e tinta à óleo sobre papel. 31,8 x 24,2 cm. Museu de Israel.

Quando no desenho o registro linear não pondera mais a raiz ou base de uma produção visual de formas e volumes formais, ele passa a desenhar uma relação espaço-temporal, inserindo o lume de uma obra. Face a exacerbação cibernética de luzes, câmeras e reproduções impressas, onde as imagens são desenhadas e produzidas em telas de luz, o primitivismo é posto ao lápis, ao carvão, aos recursos de motricidade fina, que regulam e experimentam o mundo pela experiência do fazer. Continua-se desenhando, criando signos e símbolos que constroem narrativas voláteis, repetitivas, similares aos quatro cantos do mundo, como um imenso processo criativo e questionador da imagem. O desenho assume a voz do discurso, onde linhas e gestos constroem as formas e visualidades da obra. “Gestos, porém, são feitos todos os dias, todo o tempo, sem sequer nos darmos conta disso. Gestos não se perdem(...)”(Didi-Huberman. 2017. p. 301)

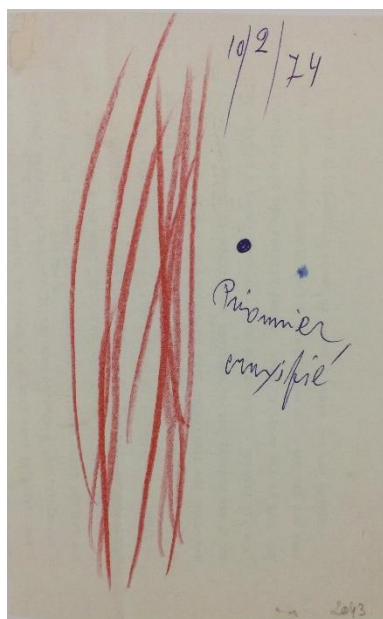


Figura 2. Joan Miró. *Prisioneiro crucificado*. 1974. Fundação Joan Miró, Barcelona.

Entre linhas, pontos, traços e escrita codificada, o desenho de Joan Miró condensa a dialética do gesto pensado e transmutado para a visualidade do acaso, da interrupção do desejo, do medo e da angústia. A linha não mais contém o traço mediada por pontos incisivos e temporais que originam a retórica. Ela apenas é posta, na invencibilidade da ação desmedida e descontrolada, como uma resposta ao impulso criador, capturado e acometido pelo tempo de ruptura e reflexão do ato inventivo. Um artista torna-se assim espectador de si mesmo, o que está entre seu mecanismo de configuração visual para engendrar a imagem e o percurso de uma vida. Aqui a obra pulsa e fala. A imagem conduz ao pensamento e o pensamento permite a construção de uma imagem, reconhecível ou não subjetivamente.

Assim, podemos indagar o que o desenho desenha hoje? O que se torna visível e codificado pelas linhas expostas como obra? Poderíamos falar de um pensamento visual? O desenho é uma escrita do desejo, do aforismo transmutado e transportado para o visível, linear e sígnico, ele produz contornos e limites, formas. O desenho contemporâneo pode ser despreendido e do acaso, estético ou gravado, inserido, instalado ou gesticulado.

O desenho possui a linha que é a origem de todas as coisas, reconhecendo no ponto a expressão de encontro para todos os sentidos. A partir desse ponto, no andar e junções dessas linhas e deslocamentos, movimentos e rupturas traçados nasce a imagem. Desse nascimento, que é a origem de todas as coisas, entende-se a palavra *origem* como algo que não se esgota, que segundo Walter Benjamin

é um incansável *vir a ser*, que está aberta ao discurso. A origem da nascente de um rio nada mais é que o alimento incessante de sua existência.

Acolhendo o desenho como um desnudado visual, um registro de gestos e ações, de movimentos percussivos e impulsionados a um fim, seu ponto de partida liga-se ao exílio existencial, metamorfoseado do desejo criador que gera seu incontornável elo narrativo entre corpo e forma, sujeito e obra. Se pensarmos o que estrutura o desenho, o corpo seria sua maior fronteira de resistência, de ausência e permanência. O corpo é limiar, é fronteira e campo desconhecido. O corpo é exílio. O corpo são linhas perdidas. Ele é a matéria e o volume, a forma e a palavra. O corpo é o meio.

Desenhamos com o olhar, com a observação de dentro para fora ou o dentro por fora. O desenho reconfigura a representação abstrata de uma forma real, corporificada no papel, no suporte desenhado, no receptáculo da narrativa visual. Confrontos íntimos, *do que vemos e do que nos olha*, segundo Georges Didi-Huberman. “A arte é alguma coisa que se vê, se da simplesmente à ver, e, a esse título mesmo, impõe sua específica presença.” (Didi-Huberman. 2007. p. 37)

Entremeio a um século de rupturas mas também de retrocessos, a massificação visual, sonora e social impõem cada vez mais às artes a busca pelo questionamento constante. Os desenhos estão visualmente em movimento, flutuantes na telas e plasmas tecnológicos espalhados pelo mundo. Em sua feitura, corpos são alargados e linhas se tornaram luz, volume, som. O desenho agora abriga, rompe fronteiras e instaura a distensão da prática, ocupando espaços ausentes, interagindo com a ideia massificante de realidade.

Porém, o desenho sempre desenhou. Sempre imergiu do encontro quase sonoro e ruidoso do lápis com a superfície ou com o papel. Como uma escritura, como um desejo íntimo de revelar um discurso guardado, não falado mas experiencializado. Por oras uma fala, em outras, uma escuta. O desenho da linha e a linha do desenho se entrecruzam, dialogando intimamente para formarem o entrelaçado de desejos depositados e repetidos pelas mãos que constroem antagonismos visuais.

“O desenho é indispensável porque todas as ideias que vem, é preciso pegar como moscas quando elas passam, e depois então, o que fazemos das moscas ou das borboletas, as conservamos e nos servimos, são as ideias azuis, as ideias rosas, as ideias que nos servimos.” (Bourgeois. 2000. p 15)

O desenho cada vez mais nos habita e como a escrita, torna-se indispensável. O desenho da sociedade Y. Que escuta sem muito ouvir. Olha sem ver, e fala sem muito dizer. A obra *Desenho da chuva. Fique em casa* de 2020, deseja colocar em questão tais prerrogativas. Trata-se de um desenho registrado, um vídeo onde suavemente a pedra desliza pela cena, sedo puxada por uma linha fina e frágil, e arrastada até ao fim dessa casa que a espera, a acolhe e se deixa invadir pelo traço deixado no percurso. Ao deslocar-se, a pedra arrasta consigo tinta vermelha, desenhando instantaneamente sobre o desenho, criando traços, gestos e interlocuções contemporâneas. Um novo desenho é posto, conduzido e percorrido enquanto imagem. Afinal, o que é desenho? O que é registro? O que é possível discursar? O que se tornará o resultado final e o que será um registro? “A arte nasce da vida. A arte vem daquilo que não conseguimos seduzir dos pássaros, os homens e as serpentes, seja o que for que possamos desejar.”(Idem. p. 169)

O mundo vive hoje a reclusão, a disputa para vencer um culpado invisível. Sem tomarmos consciência, ou sem controle imediato, essa batalha adentrou nossas casas como uma imensa pedra de questionamentos, deixando um traço ferido e jamais esquecido. A escrita esta sendo instalada sobre o corpo, desenhando em suas entranhas o medo do esgotamento e insurreição. O medo do fim.

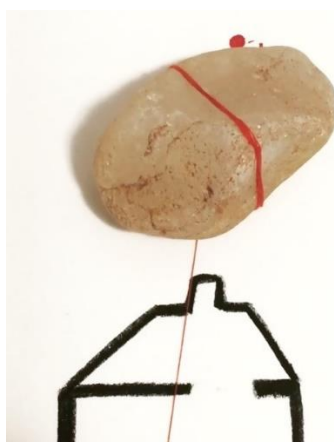


Figura 3. Camila Moreira. *Desenho da chuva. Fique em casa*. 2020. Desenho-video @camilamoreira.art

Na obra *Desenho para dias líquidos. Desenho abrigo*, a linha se apresenta em varias circunstâncias. Linha contorno, linha tecido, linha líquida. Delicadamente ela se encaixa em um desenho da espera, observando e contornando a gota negra que agride o papel, assumindo um percurso enquanto obra. Um desejo em processo, que existe antes, durante e depois da ação, sem que as mesmas possam se entrecruzar. Um desenho percurso está instaurado nessa obra. Nela há o desejo de pensar a realização e verbalização de um pensamento visual, registrado enquanto obra. Um discurso direto, transcorrido em imagem o que as palavras ilustram e ao mesmo tempo deixam voar.

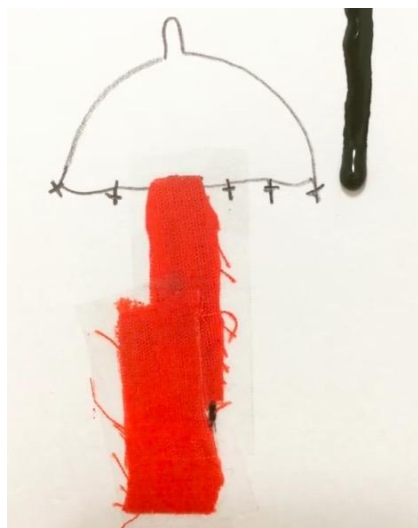


Figura 4. Camila Moreira . *Desenho para dias líquidos. Desenho abrigo*. 2020. Desenho-video @camilamoreira.art

O desenho contemporâneo aqui também pode ser questionado como *desenho-acontecimento*. Muitos desenhos em um desenho, deixando à mostra o exercício do fazer como fator crucial. Logo, há um desenho *primeiro*, que abriga a espera do acontecimento real. Um outro desenho é instalado docemente, permitindo que o espectador conduza com o olhar a obra construída no presente. E ao final, temos o desenho registro, marcado pela gota negra que tatuou a linha do papel, deixando agora não mais o movimento mas o registro de algo que se passou: um desenho que apresenta um traço narrativo. Desenho-discurso, desenho-ruptura , desenho-fronteira, desenho-ação.

O desenho é condutor de outras práticas, e na contemporaneidade assume essas interpelações. A linha reapresenta o que podemos ver, conduz o que é proposto discutir e condensa o que se tornou discurso. O desenho começa a acontecer como instalação no espaço, reflexão do tempo e existência do sujeito. O desenho contemporâneo adentra recursos tecnológicos, habitando aparelhos e telas, apresentando-se continuamente em universos planejados. Discute-se assim o desenho como começo, como *abismo*, citado por Icleia Cattani:

O desenho pode ser um abismo para o artista, mesmo quando criado sob normas rígidas. (...) O abismo do desenho corresponde às grandes questões existenciais, às quais só podemos responder traçando nossas trajetórias no aqui e no agora. O desenho, com suas lacunas, suas hesitações que revelam o tremor da respiração, do ritmo do movimento na mão do artista; o desenho com seu abismo que nos desafia e nos leva a avançar mas rumo a *locus incertus*, é uma das respostas possíveis à vida e suas questões insolúveis. (Cattani. 2005. p. 23)

Quando Cézanne diz que a *natureza está no interior*, revisitamos com profundidade nosso processo de criação. Vemos o que está no exterior e será capturado com o olhar, migrando para a alteridade o enigma da visibilidade. Logo, criar encontra uma primeira fronteira: a decisão, que pode ser imagética e consciente, visualizada ou projetada. O artista habita a obra e ela o habita. Segundo Merleau-Ponty, “o mundo está em volta de mim, não diante de mim”. (Merleau- Ponty. 2012. p. 59) Assim, a criação dialoga em espiral com o eu interior e o eu que o circunda, em uma experiência íntima de lugares e transições secretas. A obra que é resultante de um processo, é então o encontro entre o íntimo do seu criador e de quem a recebe: o espectador. As fronteiras se ligam e se amarram em um emaranhado, onde o processo de criar apresenta o que o olhar capturou mas, ao mesmo tempo, reflete o que o íntimo elaborou. Uma migração constante, de fronteiras largas que caminham pelo estreito viés do olhar, seja ele contemplativo, narrativo ou de julgamento. Falar em processo de criação do desenho enquanto prática é desejar penetrar um mundo misterioso e secreto ao qual o encantamento enigmático da visibilidade vai persuadir ou distanciar o olhar interior de uma natureza íntima.

Logo, pensar o desenho na contemporaneidade referencia cada vez mais um gesto que um produto, uma narrativa circular, onde espectador, artista e obra se entrelaçam. Um desenho torna-se corpo como o abismo de um processo reflexivo e dialético. Narra-se sua estrutura imersivamente em sua primeira instância, quando ele ainda é desenho-pensamento. Assim, como a seiva que escorre pelos galhos, o desenho caminha pelo corpo e reproduz , insere e conduz sua existência. Tudo é desenho, ou nada é desenho. Temos o desenho-presença. Desenho-desejo, desenho-ação, desenho-experiência. Entre liberdade e discurso, entre elaboração e obra, o desenho é espaço, é linha e ponto, o desenho é.

## **Referências Bibliográficas**

- Benjamin, Walter. (2007). *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. Itália: Edições Allia.
- Bourgeois, Louise. (2000). *Destruction du père Reconstruction du père*. Tusson : Éditor Daniel Lelong.
- Cattani, Icleia. (2005). *O desenho como abismo*. Porto Alegre : Revista Porto Arte.
- Didi-Huberman, Georges. (2007). *Ce que nous voyons, ce qui nous regarde*. Lontrai: Edições de Minuit.
- Didi-Huberman, Georges. (2017). *Levantes*. Bélgica: Edições SESC.